



n° 35
3º trimestre
de 1995

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Paulo Abrantes

Redacção
Alexandra Pinheiro
Ana Boavida
Ana Paula Canavarro
Ana Vieira
Eduardo Veloso
Helena Lopes
Henrique M. Guimarães
Isabel Amorim
Maria João Lagarto
Maria José Boia
Rosário Ribeiro

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
3500 exemplares

Composição
Gabinete Técnico da APM

Capa
Gabinete Técnico da APM

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
N° de Registo: 112807
N° de Depósito Legal: 91158/95

Correspondência
Associação de Professores
de Matemática
Escola Superior de Educação de
Lisboa
Rua Carolina Michaelis de
Vasconcelos
1500 Lisboa
Tel/Fax: (351) (1) 7166424

**Nota: Os artigos assinados
são da responsabilidade dos seus
autores, não reflectindo
necessariamente os pontos de vista
da Redacção da Revista.**

Viver e pensar a aula de Matemática

Paulo Abrantes

Este número de *Educação e Matemática* tem por tema "a aula de Matemática". Embora integrando diversos tipos de contributos, a maior parte do seu conteúdo consiste em textos nos quais episódios reais são descritos e comentados pelos próprios professores ou por colegas que observaram as aulas e ajudaram a interpretá-las. Há uma razão para isso.

A aula de Matemática é um "acontecimento" muitas vezes identificado com rotina, com repetição. Há uma imagem da aula de Matemática como um período bem definido de tempo durante o qual se corrige o trabalho de casa, o professor explica a nova matéria, os alunos começam a fazer os novos exercícios, o professor passa um novo TPC. A esta imagem de aula está muitas vezes associada uma imagem do professor competente como aquele que "explica bem", não "dá" a matéria tão depressa que poucos alunos acompanhem nem tão devagar que não consiga cumprir o programa. Nesta visão, o bom professor "domina" a matéria, "controla" a turma e prepara as explicações e as actividades para um "aluno médio".

Temos que reconhecer que esta imagem não foi criada por algum espírito irónico que nunca tenha frequentado aulas de Matemática...

É certo que não parece sensato rejeitar toda e qualquer rotina. A actividade do professor, como se passa em todas as profissões, mesmo nas mais criativas, requer que se dominem certos procedimentos e se criem certas rotinas sob pena de total incapacidade de gerir as situações do dia-a-dia. Também não parece sensato ignorar a importância de regras de funcionamento colectivo quando se trata de viver numa instituição como a escola.

No entanto, hoje temos boas razões para questionar aquela maneira de "ver" a aula de Matemática. Ela baseia-se em mitos como o do "aluno médio" e em ideias como a de que uma aula é boa se o professor domina a matéria, explica bem e controla os alunos. Na verdade, como notam Bishop e Goffree, num excelente texto que escreveram em 1986, cada turma é uma "combinação única de pessoas", com a sua identidade e o seu ambiente únicos, com "a sua própria história, criada, partilhada e recordada entre as pessoas do grupo". E as pessoas do grupo são *aquele* professor e *aqueles* alunos.

A aprendizagem tem a ver com os significados matemáticos que cada aluno vai construindo como resultado das actividades que realiza e do modo como elas se relacionam com os seus conhecimentos anteriores, do ambiente que se vai desenvolvendo na turma, da comunicação e das interacções que se vão estabelecendo entre os alunos e entre estes e o professor.

Esta visão obriga-nos a rejeitar a ilusão de que há um método "ideal" de ensinar Matemática, a abandonar as análises simplistas e a admitir que o processo de discutir a aula de Matemática é muito mais complexo do que, se calhar, chegámos a imaginar.

Não podemos discutir a aula de Matemática em abstracto. Precisamos de "conhecer" os alunos, o professor, algo sobre a história da turma e da sua relação com a Matemática. Precisamos de falar do que se passou e tentar compreender reflectindo sobre o que se passou. Temos que viver e pensar a aula de Matemática.